

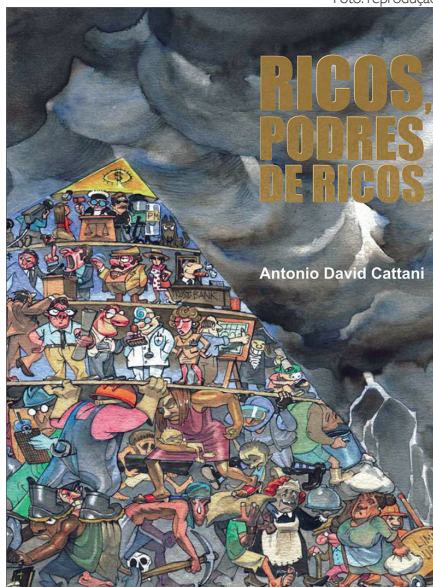


duto. Destaque especial cabe ao bagaço gerado na moagem da cana que vem sendo totalmente reaproveitado para cogeração de energia, como biocombustível, na produção de papel e na indústria de cosméticos. Estima-se que 90% de todo o bagaço gerado no Brasil é queimado em caldeiras para a geração de energia. Mas, nessa queima, forma-se outro subproduto, as cinzas residuais, numa proporção estimada em 25 kg de cinzas para cada tonelada de bagaço queimado.

Bagaço e cinzas também podem ser usados na construção civil, outro setor que gera grandes volumes de resíduos. Em artigo de 2016, na revista *Construction and Building Materials* (vol. 113), o engenheiro civil Almir Sales, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e mais quatro colaboradores constataram que o concreto produzido com resíduos de construção e areia de cinzas de bagaço de cana-de-açúcar apresentou 93% da resistência à compressão do concreto de referência, produzido sem resíduos. Considerando que a mineração de areia é uma atividade de alto impacto ambiental, esse trabalho abre importantes perspectivas, ao mostrar que é possível substituir até 50% da areia convencional retirada da natureza pela cinza de bagaço de cana.

Leonor Assad

Foto: reprodução



RESENHA/SOCIOLOGIA

Desmistificando a riqueza

Em tempos de operação Lava Jato, e de outros tantos escândalos envolvendo políticos e empresários, é bastante oportuna a publicação do livro *Ricos, podres de ricos*, do sociólogo Antonio David Cattani, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Destinado ao grande público, o texto foi publicado pelas editoras Marcavizual e Tomo Editorial. Um dos méritos do livro é adotar uma linguagem simples para tratar de um fenômeno social sobre o qual a literatura nacional ainda é escassa: a concentração

da riqueza. “Nunca na história da humanidade foi possível gerar tanta riqueza como nas últimas quatro ou cinco décadas. Nunca na história da humanidade a riqueza foi apropriada por tão poucos”, afirma o autor. Em pouco mais de 50 páginas, Cattani busca apontar os aspectos mais relevantes da concentração de renda e suas consequências nas vidas de pessoas comuns: “quanto maiores forem as diferenças entre os ricos e os outros, maior será a violência, a incidência de problemas físicos e mentais, o número de crimes e comportamentos incivilizados. O aumento desmedido na concentração de renda favorece os preconceitos e a discriminação, além de estar diretamente envolvido com a desagregação social. Por fim, debilita a democracia e a eficiência econômica”, diz.

DE ONDE VEM O DINHEIRO Na primeira parte do livro, Cattani discute a importância de qualificar as grandes fortunas. Isso significa identificar os muito ricos e a origem de suas fortunas, um grande desafio diante de vários subterfúgios utilizados para ocultar renda, patrimônio e capital. A subestimação da riqueza ocorre, por exemplo, quando magnatas têm suas

fortunas espalhadas em intrincadas estruturas acionárias envolvendo holdings, empresas de fachada, sucursais no exterior etc. A utilização de contas secretas em paraísos fiscais é outro meio largamente utilizado, como ficou explícito no vazamento dos Panama Papers, em 2016.

Em seguida, o autor se ocupa de determinar a origem das fortunas. A partir de um referencial marxista, Cattani define riqueza como o valor acumulado do trabalho não pago aos produtores diretos, mas diferencia esse conceito de outro, o de riqueza substantiva: “riqueza que gera mais riqueza em volume suficiente para o exercício do poder”. E é esse poder que gera condições para manutenção e expansão das fortunas dos super ricos por meio de instrumentos como sonegação fiscal e obtenção de privilégios que se traduzem em financiamentos subsidiados, isenções de todo tipo e regalias tributárias. Um trabalhador assalariado que recebe R\$ 5000,00 líquidos por mês paga compulsoriamente R\$ 506,00, ou 10,1% de imposto. Um rentista que recebe R\$ 5 milhões de dividendos no mês não paga um único centavo. Pelos princípios da equidade e da justa tributação

conforme a capacidade contributiva, este segundo indivíduo deveria pagar R\$ 1.374.000,00 de imposto sobre a renda, exemplifica o sociólogo. Uma das consequências da concentração da riqueza, de acordo com Cattani, é a corrupção da política pelas grandes corporações que financiam campanhas de políticos para assegurar vantagens, privilégios e impunidade, algo que conhecemos tão bem.

MITIFICAÇÃO Por que não protestamos? Segundo o autor, “não existe uma resposta única e sim um conjunto de fatores e processos articulados em diferentes graus de complexidade, levando a uma grande mistificação sobre a posse de riqueza desmedida, garantindo a sua naturalização como se fosse um processo natural e espontâneo. Isso leva à legitimidade social e ideológica da desigualdade ao mesmo tempo em que enseja a criminalização da crítica e do inconformismo”. De acordo com o autor, duas ideias colaboram para legitimar a desigualdade: o elitismo e a meritocracia. A primeira concepção considera que sempre deverá haver chefes, grandes homens (nunca mulheres) capazes de guiar os ignorantes

para o progresso. Já a meritocracia serviria como desculpa para a posse de riqueza, que, para Cattani, trata-se de uma adulteração das virtudes da inteligência e do bom uso do talento.

OUSE SABER No capítulo que fecha o livro, o autor aponta que o caminho para uma mudança é indissociável do conhecimento, “que permitirá desfazer a dominação ideológica que glorifica a riqueza e seus detentores, criminalizando a resistência dos subalternos”, afirma. E acrescenta que esse conhecimento é do tipo abrangente, que alia a vivência popular e a ciência para orientar a ação coletiva institucionalizada nos sindicatos autênticos, cooperativas, na economia solidária e colaborativa. Portanto, nada que se consolide em médio prazo. O que fazer antes: que os ricos paguem impostos, defende o autor. Ou seja, a regulação do Estado é fundamental para regular a acumulação do capital e das rendas. “O importante é o Estado necessário, Estado democrático que promova a equidade, o pacifismo, a igualdade de oportunidades e equilíbrio ecológico”, finaliza.

Patrícia Mariuzzo